

Etnoarqueologia Guató: a territorialização dos canoeiros do Pantanal a partir do relato de pessoas residentes na cidade Corumbá, Mato Grosso do Sul

MAÍRA DE MELLO SILVA¹; JORGE EREMITES DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – mairah-mello@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – eremites@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa etnoarqueológica aqui apresentada foi realizada com base em dados arqueológicos, etnográficos e etno-históricos sobre o povo indígena Guató, conhecido como índios canoeiros do Pantanal, conforme tem sido recorrente nesta especialidade ou subcampo da arqueologia (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996, 2002; SILVA, 2009; GONZÁLEZ RUIBAL, 2009; HABER, 2014). Produzir conhecimento desse tipo, especialmente em atenção a anseios e preceitos de uma comunidade indígena, ainda representa um desafio à arqueologia mundial, embora no Brasil haja uma forte tendência positiva nesta direção. Por isso é importante ponderar e reflexionar elementos das vivências territoriais e das relações materiais e imateriais dos Guató ao estudo realizado no contexto do projeto de pesquisa *Arqueologia e História dos Argonautas do Pantanal: dos antigos povos indígenas aos atuais canoeiros Guató*, sob a responsabilidade junto ao CNPq e à UFPel do docente que assina o presente trabalho. O processo de elaboração desta pesquisa envolveu a análise de ampla bibliografia de natureza arqueológica, etno-histórica e etnológica, acrescida de trabalho de campo efetuado pela discente que assina o estudo no mês de agosto de 2018, nos municípios de Corumbá e Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Partindo de pressupostos descoloniais, situados no âmbito da antropologia e da arqueologia do colonialismo, compreendendo que a ciência ocidental almejou historicamente a neutralidade, sem que tenha obtido êxito (WYLIE, 2017, p.14), a coautora partilha que seu local de fala é o de graduanda do curso de Bacharelado em Antropologia com Linha de Formação em Arqueologia da UFPel, sob orientação de um docente que debruçou grande parte de sua carreira profissional a estudos sobre e com pessoas e comunidades do povo Guató. O esforço epistemológico envolve a construção intergeracional e, por conseguinte, de uma história de longa duração dos Guató na região do Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002; CORREA, 2013; BESPALEZ, 2015).

As datações radiocarbônicas mais antigas para a construção de aterros nas áreas inundáveis do Pantanal recuam a uns 8.300 AP (anos Antes do Presente) (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996, 2002; SCHMITZ, 1997; SCHMITZ et al. 1998; MIGLIACCIO, 2000). Os Guató atuais, percebidos a partir da linguística, arqueologia, história e etnologia podem ter uma ancestralidade que recua a coletivos humanos que já habitavam a região desde uns 3.000 anos (EREMITES DE OLIVEIRA e VIANA, 2000). A bibliografia analisada demonstra que a experiência pantaneira dos Guató envolveu, por longuíssima duração, o domínio de técnicas sofisticadas, como a construção de aterros, a utilização de canoas e o manejo da flora e da fauna pantaneiras. Atualmente, a Terra Indígena Guató, onde há a Aldeia Uberaba, localizada na Ilha Ínsua, é a única área regularizada em Mato Grosso do Sul. No estado de Mato Grosso, há outra área, chamada Terra Indígena Baía dos Guató, localizada no município de Barão de Melgaço. A alta mobilidade dos Guató está relacionada às estratégias materiais de

permanência, como denota o registro arqueológico, mas, também, às características identitárias (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996). Por conseguinte, a utilização de categorias como rural e urbano (WILLIAMS, 2011) implica em limitações e apagamentos. Em todas as interlocuções realizadas durante o trabalho de campo sobre agricultura, artesanato, constituição política interna, cosmologia, genealogia, língua, trajetória individual, parentesco, pesca ou relações com o Estado, o vínculo com o território tradicionalmente ocupado se demonstra através da minúcia com que experiências são narradas por entre as paisagens pantaneiras: detalhamento de características das fazendas instaladas no território, curvas de rio, formas dos aterros e morros etc. Fomentar a compreensão da ocupação territorial na cidade de Corumbá, pensando a categoria território “urbano”, a partir dos preceitos Guató, é o objetivo específico da coautora, sendo, por ora, seu primeiro trabalho científico no que tange ao tema da pesquisa.

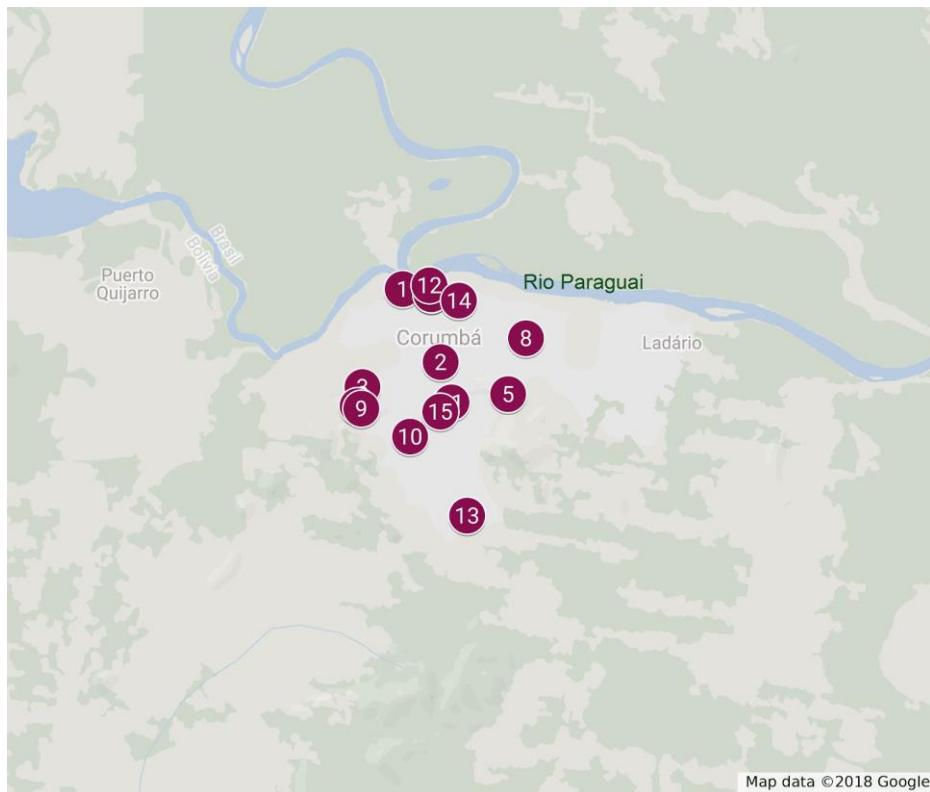
2. METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados na pesquisa foram: análise crítica da bibliografia sobre os Guató e mapeamento espacial dos lugares ocupados pelos indígenas atuais, cujos dados foram obtidos por meio de trabalho de campo. A pesquisa apresentada está relacionada, ainda, ao postulado de Franz Boas sobre o campo da Antropologia geral, constituída por quatro campos do conhecimento nos Estados Unidos e em outros países, quais sejam: Antropologia Social ou Cultural ou Sociocultural, Arqueologia, Antropologia Linguística e Antropologia Biológica ou Bioantropologia. Nota-se que é possível praticar a Arqueologia como Antropologia geral, compreendendo a cultura material como elemento constitutivo de um contexto que por si só é plural e interdisciplinar. Analisar criticamente a bibliografia significa utilizar, ainda, da etno-história, intentando contribuir à história de longa duração dos povos indígenas americanos. Contando com mais de 200 itens, a documentação levantada foi composta por: documentos oficiais, artigos científicos, livros, imagens, vídeos e músicas. O trabalho de campo se deu com o uso da metodologia de observação direta com 17 indígenas Guató e 2 pessoas negras corumbaenses, 5 horas de áudio de entrevistas autorizadas, 40 minutos de vídeo, 200 fotografias e mapeamento das residências através do aplicativo Google Maps. O mapeamento, fonte de análise do presente trabalho, é, na prática, fruto das interlocuções e relações estabelecidas em 42 visitas, durante 15 dias, na cidade sul-mato-grossense de Corumbá. A sistematização espacial apresentada foi obtida com a utilização do recurso My Maps, disponível *on line* e gratuitamente pela corporação Google, que utiliza o sistema de coordenadas geográficas WGS84. A numeração foi feita pela ordem em que a pesquisadora esteve em cada endereço. Os endereços não constam devidamente descritos, pois a proposta é vislumbrar elementos gerais de espacialização. Trata-se de procedimentos orientados pela experiência e tradição de pesquisa etnoarqueológica no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 39% da população indígena brasileira vive em cidades; o mesmo levantamento estimou que a população Guató totaliza 313 pessoas. Já em relatório de 2014, o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena ligado a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SIASI/SESAI), considera a população Guató como de 419 indivíduos. Em ambos documentos oficiais, os Guató são relatados como vivendo nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os

dados apontam que futuras pesquisas científicas podem cooperar para a elaboração mais precisa acerca de quantos são os Guató atuais, já que questões como o manejo do patrimônio arqueológico, a visibilidade das reivindicações por terras e demais direitos deste povo podem dar visibilidade a pessoas até então invisibilizadas. Como forma a corroborar com futuras pesquisas nesse sentido, o mapa abaixo demonstra 15 locais onde famílias Guató mantêm vínculos esporádicos, permanentes ou temporariamente, na região urbana de Corumbá. Indicando a possibilidade de que a alta mobilidade do grupo, historicamente relacionada aos períodos de cheia e seca do Pantanal, também, possa ser atualmente vinculada a fatores como assistência a tratamentos médicos de maior complexidade, estudos, compras, vendas, reivindicações previdenciárias, entre outros elementos que ainda carecem de mais dados e de construção participativa para uma análise horizontalizada e frutífera. Os locais mapeados têm dimensões, no sentido Leste-Oeste de 4,23 km e no sentido norte-sul de 5,78 km, em linha reta, já que o software não oferece os dados em escalas, mas em medidas do terreno. Os lugares estão localizados entre as coordenadas 19°01'22.5"S 57°40'13.0"W (ponto 9) e 19°00'28.9"S 57°37'53.4"W (ponto 8).



Localização das moradias Guató visitadas durante trabalho de campo em Corumbá

4. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos denotam que pessoas e famílias Guató estão presentes há pelo menos quatro gerações na zona urbana de Corumbá. As pessoas mais idosas mantêm avivada uma memória apurada sobre as vivências em aterros e outros assentamentos localizados no território tradicional, de onde muitas foram forçadas a sair por razões das mais diversas. Residiam às margens de rios e baías ou lagoas, muitas vezes em aterros indígenas construídos por seus antepassados, onde mulheres participavam ativamente da vida social: atividades

de pesca, caça, coleta, cultivo e manejo agroflorestal; produziam artefatos dos mais diversos, como vasilhas cerâmicas e outras atividades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESPALEZ, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos Avançados**, São Paulo, 29: 45-86, 2015.
- CORREA, Â. A. Arqueologia como história indígena de longa duração. **Cienc. Cult.** [online], Campinas, 65 (2): 26-29, 2013
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Guató – Argonautas do Pantanal**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. Sistema de assentamento e processo de territorialização entre os Terena da Terra Indígena Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Habitus**, Goiânia, 9: 166-196, 2011.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. O uso da arqueologia para a produção de laudos antropológicos sobre terras indígenas em Mato Grosso do Sul, Brasil. **Tellus**, Campo Grande, 12 (22): 27-48, 2012.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. A história indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, 6: 178-218, 2012.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Revista USP**, São Paulo, 44: 142-189, 2000.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. De la etnarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J. et. (Coord.). **Mundos tribales: una visión etnoarqueológica**. València: Museu de Prehistòria de València, 2009, p.16-27.
- HABER, A. Interculturalidad epistémica y acción política en la arqueología poscolonial. In: RIVOLTA, M. C. et al. (Coord.). **Multivocalidad y Activaciones Patrimoniales en Arqueología: perspectivas desde Sudamérica**. Buenos Aires: Fundación de Historia Natural Félix de Azara, 2014, p.47-65.
- IBGE. **Estudos Especiais do Censo de 2010**. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- MIGLIACCIO, Maria Clara. **A Ocupação Pré-Colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso. Dissertação** (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, 8 (16): 121-139. 2009.
- SCHMITZ, P. I. Pantanal: os primeiros passos da pré-história. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, 22 (129): 36-45, 1997.
- SCHMITZ, P. I. et al. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Pesquisas (Série Antropologia)**, São Leopoldo, 1998.
- SIASI. **Saúde Indígena**. Disponível em: <<http://portalsms.saude.gov.br/saude-indigena/gestao/siasi>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- WYLIE, A. Os que conhecem, conhecem bem: teoria do ponto de vista e arqueologia de gênero. **Scientiae Studia**, São Paulo, 15 (1): 13-38, 2017.